

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-graduação em Elaboração, Avaliação em Projetos Sociais

Renata Maria da Silva Dias

**O Enfrentamento da Violência e do Uso de Drogas no Contexto Escolar:**

**um estudo de caso do Programa PROERD**

Confins

2020

Renata Maria da Silva Dias

**O Enfrentamento da Violência e do Uso de Drogas no Contexto Escolar:**

**um estudo de caso do Programa PROERD**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Projetos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Diogo Pereira

Confins

2020

301	Dias, Renata Maria da Silva.
D541e	O enfrentamento da violência e do uso de drogas no contexto escolar [recurso eletrônico] : um estudo de caso do Programa PROERD / Renata Maria da Silva Dias. - 2020.
2020	1 recurso online (37 f.) Orientador: Rafael Diogo Pereira. Coorientador: Glauber Eduardo Ribeiro Cruz.
	Monografia apresentada ao curso de Especialização em Especialização em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.
	1.Educação. 2.Drogas. 3.Violência Escolar. I. Pereira, Rafael Diogo, 1982- . II. Cruz, Glauber Eduardo Ribeiro . III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



Universidade Federal de Minas Gerais  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
**Departamento de Sociologia**  
Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha  
31.270-901 - Belo Horizonte - MG

## **ESPECIALIZAÇÃO EM PROJETOS SOCIAIS: FORMULAÇÃO E MONITORAMENTO**

### **ATA DE DEFESA DE MONOGRAFIA**

**DE**

**2017771958 - RENATA MARIA DA SILVA DIAS**

Aos vinte dias do mês de fevereiro de dois mil e vinte, reuniu-se a banca examinadora de defesa de monografia do Curso de Especialização em Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento, composta por Orientador: Rafael Diogo Pereira e Glauber Eduardo Ribeiro Cruz para examinar a monografia intitulada *“O Enfrentamento da Violência e do Uso de Drogas no Contexto Escolar: um Estudo de Caso do Programa Proerd”* de 2017771958 - RENATA MARIA DA SILVA DIAS. Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela aprovação da monografia. Para constar, foi lavrada a presente ata que vai datada e assinada pela Coordenadora.

Belo Horizonte, 20 de fevereiro de 2020

Profa. Danielle Cireno Fernandes  
Coordenadora do Curso de Especialização em  
Projetos Sociais: Formulação e Monitoramento

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me mantido na trilha certa durante este projeto de pesquisa com saúde e forças para chegar até o final. A minha mãe em especial, que mesmo não sendo alfabetizada, sempre me apoiou ao longo de toda minha trajetória. Também aos meus irmãos que estiveram comigo nessa caminhada. Ao meu esposo Paulo Henrique pela compreensão e paciência demonstrada durante o período do projeto. Aos meus filhos que são a razão por me motivar e nunca me deixar desistir. Agradeço ao meu orientador Rafael Diogo Pereira por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa, pelo incentivo em não me deixar desistir e pela dedicação do seu escasso tempo ao meu projeto de pesquisa. A todos os meus professores do curso de Projetos Sociais - Formulação e Monitoramento da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) pela excelência da qualidade técnica de cada um.

Não se deixa mover pelo ânimo de libertar o pensamento pela ação dos homens uns com outros na tarefa comum de refazerem o mundo e torná-lo mais e mais humano. (FREIRE, 2001. p. 74).

## **Resumo**

Este projeto tem como estudo mostrar os efeitos e conseqüências das violências no contexto educacional de alunos, professores, familiares e a comunidade escolar. Os impactos qualitativos e quantitativos no autocontrole, socioemocional e auto-estima do indivíduo, vítima de qualquer tipo de violência na escola ou em seu entorno. O cenário é evidente, os resultados educacionais diagnósticos deixam falhas visíveis nesse contexto amostral. Partindo desse insumo, o que se propõe aqui é analisar as violências como bullying, física e sexual no contexto atual escolar. Os impactos de enfrentamento, a relação da família com a escola, do aluno com o professor no contexto amostral de violência escolar. Tem como objetivo principal alertar os jovens sobre os efeitos e conseqüências quanto ao uso de drogas, o que favorece a eles o acesso mais rápido a violência.

**Palavras – chave:** Educação. Violência Escolar, Família. Prevenção, Sociedade.

## **Abstract**

This project is a study to show the effects and consequences of violence in the context of the education of the students, the teachers, the families and the school community. The qualitative and quantitative self-control, social, emotional, and self-esteem of the individual who is the victim of any type of bullying at school or in the surrounding area. The picture is clear, and the results of educational diagnostic no longer crashes are visible in the context of the sample. On the basis of that input, what we propose here is to examine the acts of violence such as bullying, physical and sexual. Its main objective is to warn young people about the effects and consequences of drug use, which favors them faster access to violence.

**Keywords:** Education. School Violence, Family.Prevention, Society.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO .....	14
2.1 Violências nas Escolas .....	14
2.1.1 Brasil Lidera Índice De Violência Contra Professores .....	15
2.1.2 Autoflagelo .....	17
2.1.3 Violências interpessoais .....	18
2.1.4 Violência doméstica .....	18
2.1.5 Violência interpessoal cotidiana .....	19
2.1.6 Bullying .....	19
2.1.7 Agressão verbal .....	19
2.1.8 Agressão física .....	20
2.1.9 Violência Psicológica .....	20
2.20 Violência sexual .....	20
2.21 Violência contra professores .....	20
2.2 PROERD em MINAS GERAIS .....	21
2.2.1 Como o programa é aplicado? .....	24
2.2.2 Regulamentação normativa do D.A.R.E./Proerd .....	25
2.2.3 Dados Gerais Do Proerd Em Minas Gerais – Dados De Atendimento .....	26
3 METODOLOGIA .....	30
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....	31
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERENCIAS .....	36

## 1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que não é fato novo a preocupação de membros e autoridades com a violência escolar, que diariamente a sociedade enfrenta. Esse problema centra-se nas proporções inéditas que o fenômeno vem assumindo e se transformam em preocupação e insegurança, aos diretores, alunos, professores, pais e sociedade.

Denomina-se violência escolar todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e anti-sociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por, e entre, a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar.

Diante desse cenário, o processo controverso à violência escolar deve ser com participação da família, da comunidade escolar e do poder público, objetivando o resgate do ser humano a partir da prática ativa e preventiva desde a fase juvenil à adulta.

Segundo a autora (Abramovay & Castro, 2003)

Os atos delituosos e as pequenas e grandes demonstrações de escolas chamam a atenção e provocam um sentimento de insegurança na comunidade escolar. Para esta autora, a escola, já naquela época, não representava um espaço seguro de integração social, de socialização, pois deixou de ser um espaço resguardado, uma vez que se tornou cenário de ocorrências violentas.

Adequar o sujeito-ator à evolução, reduzindo a evasão escolar, os conflitos negligenciados inserindo e formando-o como cidadãos pensantes, críticos capazes de ser sociável à família, ao eco-global social e ao convívio escolar.

Utilizando um painel de dados das escolas observadas na Prova Brasil, nos anos de 2007 e 2009, os resultados mostraram que a possibilidade da escola registrar pelo menos um ato agressivo de um aluno é maior em ambientes escolares com traços da violência, onde ocorreram crimes contra o patrimônio, contra a pessoa, tráfico de drogas ou atuação de gangues.

O uso de drogas no ambiente escolar hoje é um dos maiores enfrentamentos social oriundo da falta de uma política pública ativa e cognitiva do contexto escolar.

A violência tornou-se assunto recorrente nas escolas, nas famílias, nas rodas de conversa, na sociedade.

Os fatores deste gargalo são inúmeros acerca da desestrutura familiar, da falta de políticas públicas preventivas entre tantos outros fatores que permeiam a paz familiar atingindo jovens e crianças.

A violência entrou de vez no currículo escolar dos brasileiros. Só que agora, infelizmente, em vez de um saudável e democrático conflito no campo das idéias, alunos, professores, diretores e funcionários precisam cada vez mais conviver com agressões, ameaças e abusos.

Na realidade atual, a autoridade do educador está em decadência, uma vez que o descaso público em relação aos casos de violência mais a falta de punidade ambos colaboram para insistência do problema da violência nas escolas brasileiras.

Compreende-se como violência qualquer ato de agressão ou opressão dirigido a alguém. Nesta perspectiva, o papel da escola é de primordial importância para prevenir e reverter tais práticas. Contudo, tal papel tem sido dificultado pela cultura de violência vigente, bem como pelo modelo educacional atual.

Quando falamos em segurança pública, pautamos numa cultura perpetuada no jovem, agente ativo do futuro que nos engloba de geração a geração. A violência nas escolas ou em seu entorno é um assunto recorrente, nas famílias, nas rodas de conversa e na Política pública Social de segurança.

Uma das maiores queixas dos professores e comunidade escolar é o uso e venda de drogas no espaço da escola e fora dela. Entre tantos delitos violentos a consequência da droga, nos jovens, vem sendo pauta de muitas discussões acerca dos principais problemas enfrentados nas escolas hoje.

É evidente que o cenário se torna violento e negativamente os resultados educacionais deixam falhas, a percepção de que a escola não é um ambiente seguro.

Portanto, se faz necessária a conjuntura entre família e poder público para reverter o cenário atual. A família cabe o papel de orientar, fiscalizar e coibir qualquer prática de desrespeito, atribuindo ao indivíduo noções de ética desde a infância.

Por sua vez, o Ministério da Educação deve investir em programas que reformulem o sistema de ensino, oferecendo campanhas, fóruns e seminários que discutam problemas sociais como o da violência na escola, estimulando aos jovens refletirem sobre sua prática e conseqüências, bem como fortalecer a rede pública de apoio psicopedagógico.

Discutir a violência e sua relação com o uso de drogas é o objeto de análise desse trabalho. Todos os envolvidos (o corpo docente, pais e comunidade escolar) podem refletir sobre as principais causas que levam nossos jovens ao vício, começando por drogas lícitas, passando para ilícitas, que acabam por gerar a violência.

A escola também é um espaço onde o educando deve aprender a se prevenir contra a violência, praticada de forma natural na sociedade, principalmente no que se refere à utilização de drogas. Este trabalho tem por finalidade intervir frente à violência no ambiente escolar como conseqüência do uso de drogas.

O abuso de drogas constitui-se em ameaça à sociedade porque representa, para o usuário, um comprometimento do futuro e da qualidade de suas relações sociais, com maior propensão ao envolvimento em crimes, violência e ingresso num ciclo de decadência de valores.

O público mais vulnerável à dependência é composto por crianças e adolescentes, pelo fato de se encontrarem menos preparados para resistirem aos muitos apelos e incentivos ao uso de drogas, presentes nos meios de comunicação em massa e na ideologia da sociedade contemporânea.

A principal estratégia contra esses males é a prevenção por meio do diálogo com as pessoas, ainda durante sua infância e adolescência, fases de suas vidas em que se encontram mais naturalmente aptas a receber orientações e assimilar valores. Baseando-se nesse critério decidi analisar o projeto que vem fazendo a diferença nas escolas que adotam esse programa. O PROERD. Com o Proerd houve positivamente um fortalecimento individual dos futuros condutores da sociedade contra as investidas de criminosos e de outras formas de chamamento ao abuso de drogas e à prática de ações anti-sociais.

O Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD) consiste num esforço cooperativo da Polícia Militar, Escola e Família, visando preparar crianças e

adolescentes para fazerem escolhas seguras e responsáveis na autocondução de suas vidas, a partir de um modelo de tomada de decisão.

Por meio de atividades educacionais em sala de aula, o policial militar devidamente capacitado, fornece aos jovens as estratégias adequadas para tornarem-se bons cidadãos, resistir à oferta de drogas e ao apelo da violência. (PROERD, 2019).

Com ações direcionadas a toda a comunidade escolar e aos pais/responsáveis, o Proerd também promove a inclusão da família no processo educacional e de prevenção. Ao abordarmos este assunto percebemos que é pouco trabalhado em nossas instituições, e que pouco são os programas relacionados a ele. Em virtude dos problemas de saúde e violência que encontramos na sociedade, relacionados em grande medida ao consumo de drogas, e as dificuldades em debater tal assunto em relação à prevenção e ao consumo, que não é uma tarefa fácil. Porém é de fundamental importância nas instituições escolares. (PROERD, 2019).

Diante deste contexto, traçou-se; o principal objeto geral; Analisar o Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd), evidenciando sua trajetória e principais resultados em Minas Gerais. E, objetivos específicos;

- ✓ Resgatar a história do PROERD, evidenciando o contexto de sua criação e principais premissas;
- ✓ Evidenciar os objetivos e focos do PROERD, descrevendo sua metodologia de trabalho e de aplicação nas escolas;
- ✓ Discutir os principais resultados alcançados desde o início do programa em Minas Gerais.

Quando apontamos para entender o PROERD vale problematizar algumas questões: como é possível falar de sua realização, do seu fazer na escola, quando seus “instrutores” não são os professores? Como antecipar uma realidade sem que seus sujeitos dela participem? Que formação pedagógica é necessária para promover esse debate?

As questões de vivência e de sujeitos concretos dão lugar às formas *apriori*, como reguladoras do que é ou não é droga e sob que horizontes reais cabem a escola problematizar. Não se está defendendo que a existência da

droga seja uma ilusão, de manifestação real; tem sujeito! O que chama a atenção é a generalização de sua existência, independentes daqueles que efetivamente existem nos seus espaços, nos lugares, na história.

Neste contexto, justifica-se o interesse pelo tema, em analisar o aumento do consumo de drogas proibidas ou não, entre crianças e adolescente em idade escolar, assim, torna-se necessário um trabalho efetivo e contínuo de prevenção de uso de drogas, entre os jovens que ainda não tiveram contato com tais substâncias.

O programa além de visibilizar e denunciar o fenômeno da violência contra a juventude e informar a população jovem sobre o tema. Busca sensibilizar agentes e gestores públicos de diferentes áreas para a promoção de políticas de enfrentamento à violência e ao uso de drogas entre jovens, no intuito de transmitir uma mensagem de valorização à vida, e da importância de manter-se longe das drogas e da violência e reforçando a importância da amizade e supervisão de pais e filhos.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Violências nas Escolas**

A criança, a família, a sociedade e o Estado são conclamados a viver e experimentar, a controlar um processo de desenvolvimento da infância e da adolescência que está conectado a um modo legitimado de ser da infância e da adolescência.

Este texto buscará analisar, em específico, um Programa educacional que foi construído no Brasil, o Escola que protege, em que observamos certa responsabilização da escola e dos professores com relação a violência contra crianças e adolescentes. No entanto, nesta análise também buscaremos mostrar que a violência produzida na escola, não pode ser uma responsabilidade somente da escola e dos professores (por mais bem formados que sejam) porque ela tem uma relação direta com a violência modulada e até estimulada modelos culturais, sociais e econômicos, baseados no preconceito, pobreza e violência social.

Existem vários tipos de violência no qual os jovens estão submetidos tanto em ambiente escolar quanto em ambiente familiar. E dentre outros, muitas das vezes, esses são motivos suficientes para que jovens se envolvam com drogas a fim de esquecer ou até mesmo buscar formas de vivenciar algo diferente camuflando de

forma errônea o sofrimento. Destaca os autores quanto a violência, Charlot (2002) e Debarbieux (2002);

a violência não pode ser reduzida ao plano físico, ela pode se manifestar também por toda a gama de outras violências que ocorrem na escola, como, por exemplo, a violência simbólica. Charlot; Debarbieux (2002).

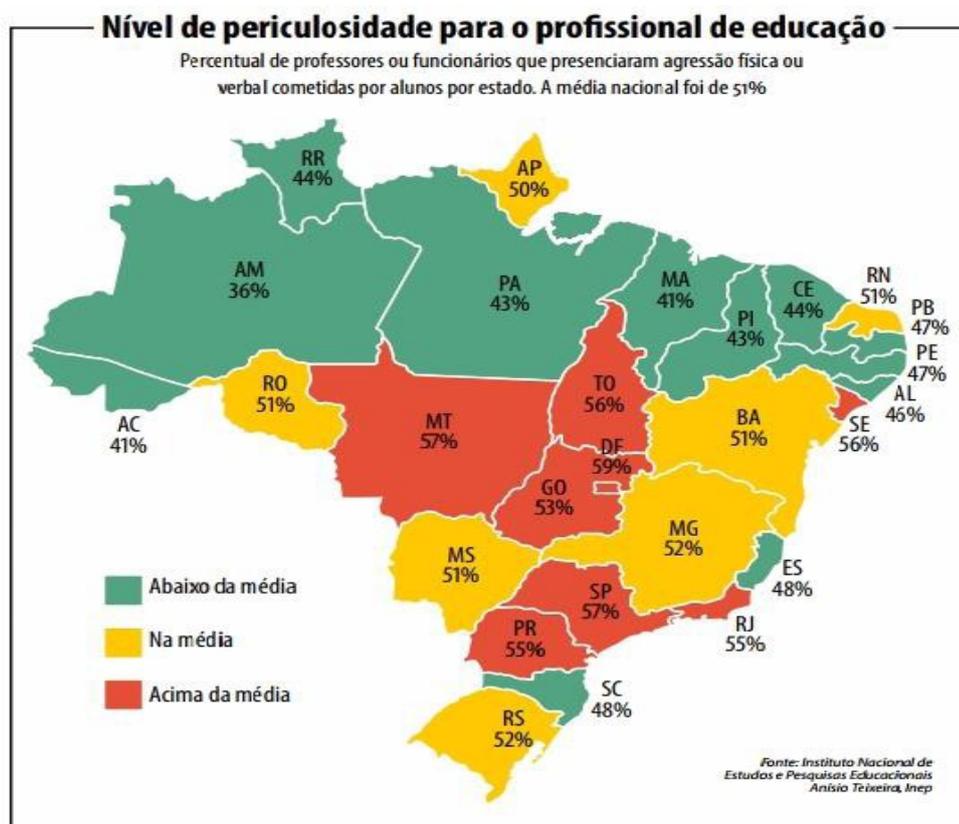
Muitas dessas formas de violência estão presentes na vida cotidiana dos estudantes, mas outras foram apenas vistas nas mídias (televisão, internet, revistas, etc.), por isso, busquei explorar os contextos em que as violências aparecem. Destaco aqui alguns tipos de violência apresentados (automutilação, violências interpessoais, Bullying, agressão verbal e Física).

### **2.1.1 Brasil Lidera Índice De Violência Contra Professores**

Os casos de violência contra professores dentro das escolas seguem cada vez mais freqüentes no país e apontam para as conseqüências na saúde física e emocional de profissionais da Educação.

De acordo com dados de uma pesquisa feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) sobre violência em escolas com mais de 100 mil professores, o Brasil lidera o ranking de agressões contra docentes. Dentre os professores ouvidos, 12,5% afirmaram ser vítimas de agressões verbais ou intimidações de alunos. Em São Paulo, segundo levantamento feito pela GloboNews, o número de agressões a professores cresceu 73% em 2018 em relação ao ano anterior. Já dados divulgados sobre uma pesquisa feita pelo Sindicato dos Professores de São Paulo apontam que mais da metade dos docentes da rede estadual de ensino afirmam já ter sofrido algum tipo de agressão, sendo a mais comum a agressão verbal (44%), seguida por discriminação (9%), bullying (8%), furto/roubo (6%), e agressão física (5%).

Além das agressões físicas e verbais, as condições de trabalho são muito estressantes em algumas regiões. No caso do Rio de Janeiro, por exemplo, professores convivem com confrontos armados nos arredores das escolas onde trabalham e ameaças recorrentes de estudantes e familiares.



Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP.

As conseqüências dessa realidade para os profissionais da educação são graves. Em 2018, a Secretaria Municipal de Educação concedeu 3.055 licenças por doenças como transtorno ou reação ao estresse, depressão e esquizofrenia - o que equivale a uma licença a cada três horas. O número corresponde a 8% do quadro de professores do município.

De acordo com INEP, o desenho amostral revela o percentual de funcionários da educação que presenciaram algum tipo de violência por estado e região brasileira. Os estados das regiões Norte e Nordeste ficaram abaixo da média. Os estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Rondônia, Amapá, Rio Grande do Norte e Bahia permaneceram, consideravelmente na média Nacional. Nas regiões Centro Oeste os estados Mato Grosso, Goiás, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul permaneceram acima da média Nacional.

Segundo levantamento do PROERD, foi realizado uma pesquisa em 50 escolas públicas estaduais dos municípios de Jacareí e Diadema (São Paulo, Brasil)

que ofereciam o Programa Escola da Família (PEF). Buscou-se, nesta seleção, a indicação de escolas que estivessem na média entre as escolas do Estado, em relação a desempenho, uso de drogas e violência. O objetivo inicial desta pesquisa era abranger 1.000 adolescentes, 20 de cada escola; entretanto, de acordo com os critérios de inclusão e do prazo estipulado para a coleta de dados, conseguiu-se avaliar 965 adolescentes. .(PROERD, 2019).

Os critérios de inclusão na pesquisa foram: ter idade entre 10 e 18 anos e participar desse programa nas escolas selecionadas. Foram excluídos seis adolescentes por terem menos de 10 ou mais de 18 anos. A pesquisa foi realizada em 2007. O uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas (anfetamina, ecstasy, cocaína, crack, maconha, alucinógenos, tranqüilizantes, ansiolíticos, esteróides, inalantes e solventes) foi avaliado por uma questão na qual o adolescente assinalava os tipos de drogas de que fez uso nos trinta dias anteriores à entrevista. Sendo assim, abaixo o gráfico mostra o resultado quanto ao uso de drogas nessa pesquisa entre os adolescentes.(PROERD, 2019).

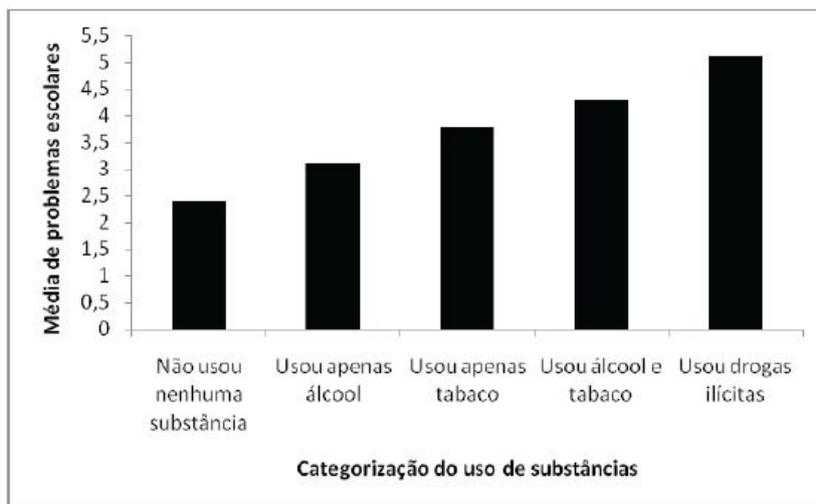


Figura 1: média de problemas relatados pelos adolescentes de acordo com a categorização do uso de substâncias analisadas (apenas álcool, apenas tabaco, ambos e drogas ilícitas).

### 2.1.2 Autoflagelo

Vivenciando a rotina escolar dia a dia, me deparei com alunas que se mutilavam e sempre estavam de vestimenta longa nos braços,afim de esconder cortes feitos com estiletos nos braços. A prática de realizar cortes nos braços e

pernas foi identificada em duas ocasiões, sendo ambas com estudantes do gênero feminino.

“E nesse momento a professora chega com a Rafaela, mostrando seus braços cheios de cortes, e dizendo “olha a situação dessa menina!”. Havia mais de 50 marcas de cortes no braço dela. Na salinha próxima à diretoria, ela contou-me que faz isso para se aliviar, pois às vezes sente muita raiva de si, e essa é uma forma que encontrou de descontar a raiva. Relatou que é uma pessoa muito solitária e deprimida. (DC18M)”. Charlot (2002) e Debarbieux (2002).

Esta prática é destacada como uma violência, pois oferece riscos à integridade física, mas também pode ser compreendida como uma consequência da violência que sofrem em outros espaços, tendo em vista sua utilização como alternativa de alívio para sofrimentos vivenciados. É preciso criar possibilidades saudáveis e seguras para significação dos sofrimentos vivenciados pelos adolescentes. Charlot (2002) e Debarbieux (2002).

### **2.1.3 Violências interpessoais**

De todas as categorias, as que correspondem às violências interpessoais são, disparadamente, as mais frequentes e diversas. Organizamos três subdivisões desta categoria: “violência doméstica” – para relações intrafamiliares; “violência interpessoal cotidiana” – para relações violentas que se constroem no cotidiano escolar e comunitário, e não chegam a se caracterizar como crimes e “Delitos” – para especificar as violências que são caracterizadas pela lei como crimes (seja nas relações familiares, seja nas comunitárias). Acrescentamos esta terceira para diferenciar as violências menos intensas, porém mais frequentes, das que são mais intensas e – ao menos de forma geral – mais pontuais.

### **2.1.4 Violência doméstica**

Considera-se violência doméstica/intrafamiliar a que ocorre entre os parceiros íntimos e entre os membros da família, principalmente no ambiente da casa, mas não unicamente. É toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outra pessoa da família. Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem

laços de consangüinidade, e que tenha relação de poder. A violência doméstica/intrafamiliar não se refere apenas ao espaço físico onde a violência ocorre, mas também, às relações em que se constrói e efetua. Este tipo de violência também inclui outros membros do grupo, sem função parental, que convivam no espaço doméstico. Incluem-se aí empregados (as), pessoas que convivem esporadicamente, agregados.

### **2.1.5 Violência interpessoal cotidiana**

Também são vivenciados pelos jovens atos preconceituosos (principalmente racismo e homofobia); injustiça (quando problemas cotidianos na escola são encaminhados de forma injusta); violência virtual (exposição de estudantes nas redes sociais); abuso sexual (meninos que apalpam as meninas contra sua vontade); violência de gênero (manifestação de machismo nas falas dos meninos); violação de acordos coletivos; Bullying; agressão verbal e agressão física. Explicitarei mais detalhadamente os três últimos.

### **2.1.6 Bullying**

Bullying é um termo em inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo (bully - «tiranete» ou «valentão») ou grupo de indivíduos com o objetivo de intimidar ou agredir outro indivíduo (ou grupo de indivíduos) incapaz (es) de se defender.

Professores podem e devem ajudar a evitar situações em que o bullying ocorre alertando sempre os jovens sobre o mal que o mesmo pode causar ao indivíduo.

Assim se destaca: (PAYNE; ECKERT, 2010, p.34);

[...] a capacitação docente é tida como indicador principal na prevenção em situações de *bullying*. Professores podem e devem ajudar a evitar situações em que o bullying ocorre alertando sempre os jovens sobre o mal que o mesmo pode causar ao indivíduo. (PAYNE; ECKERT, 2010, p.34).

### **2.1.7 Agressão verbal**

As agressões verbais se manifestam por “ameaças” ou “ofensas”. Quando se fala em violência na escola, as ofensas são as mais freqüentes vivenciadas pelos estudantes. A violência verbal é um comportamento agressivo, caracterizado por palavras danosas, que têm a intenção de ridicularizar, humilhar, manipular e/ou

ameaçar. Assim como acontece com a violência física, este tipo de agressão afeta significativamente a vítima, causando danos psicológicos brutais e irreparáveis. Estão entre elas: Brigas e provocações; Relação de desrespeito; Relação Professor/aluno;

### **2.1.8 Agressão física**

A agressão física, obviamente, é uma forma de violência e pode ser definida como a ofensa física, que pode até resultar em lesão a integridade física de outrem, que é um bem jurídico tutelado constitucionalmente.

### **2.1.9 Violência Psicológica**

A violência psicológica ou agressão emocional, tão ou mais prejudicial que a física, é caracterizada pela rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas. É uma violência que não deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente provoca cicatrizes para toda a vida. Existem várias formas de violência psicológica, como a mobilização emocional da vítima para satisfazer a necessidade de atenção, carinho e de importância, ou como a agressão dissimulada, em que o agressor tenta fazer com que a vítima se sinta inferior, dependente e culpada.

### **2.20 Violência sexual**

Violência na qual o agressor abusa do poder que tem sobre a vítima para obter gratificação sexual, sem o seu consentimento, sendo induzida ou obrigada a práticas sexuais com ou sem violência física. A violência sexual acaba por englobar o medo, a vergonha e a culpa sentidos pela vítima, mesmo naquelas que acabam por denunciar o agressor, por essa razão, a ocorrência destes crimes tende a ser ocultada.

### **2.21 Violência contra professores**

Dados do IBGE mostram que profissões com nível de formação equivalente, o magistério é aquela que oferece os piores salários. Um professor que atua no nível

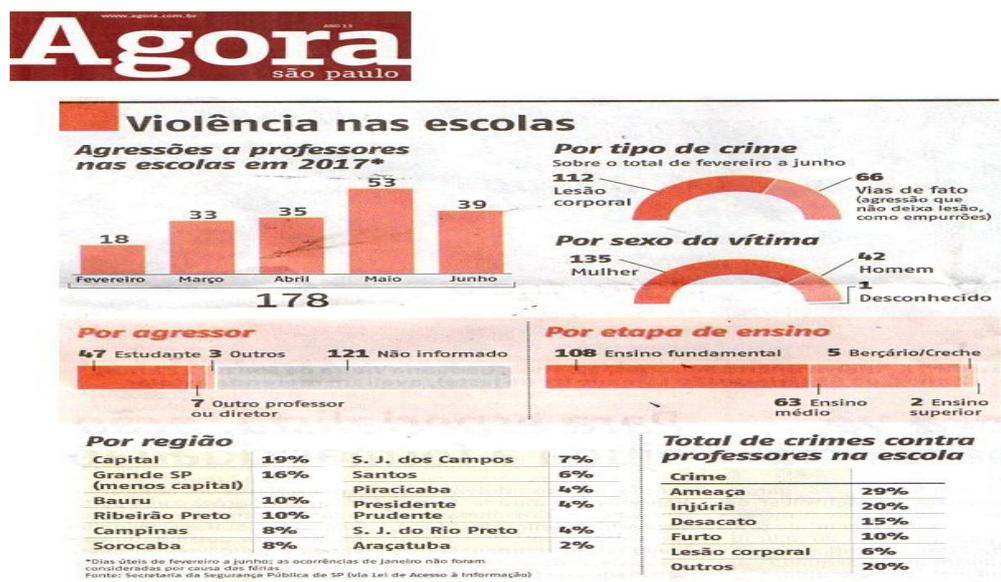
médio ganha, em média, quase a metade da remuneração de um policial civil e um quarto do que ganha um delegado de polícia.

Faltam recursos didáticos, investimentos e programas de políticas públicas efetivas. Nesse cenário surge à decadência da escolaridade, com professores incapacitados, sem curso superior e/ou com defasagem, a carga horária desfavorece, pois o professor ganha um salário pequeno e tem que fazer mais turnos para ter um salário para alimentar a família. (IBGE, 2012).

Além disso, outro fator extremamente agravante é o desinteresse e a falta de estudos dos alunos, a negligência na educação para investimentos em obras que darão visibilidade imediata.

De acordo com levantamentos da pesquisa Retratos da Sociedade Brasileira – Educação Básica, realizada em 2017 pela CNI (Confederação Nacional das Indústrias em parceria com o movimento Todos pela Educação a violência e a corrupção estão diretamente relacionados à baixa qualidade da educação no país).

Vale ressaltar, o cenário da violência contra os professores, na publicação da Revista Agora 2017, (São Paulo)



Pode-se concluir que são muitos brasileiros insatisfeitos com a educação pública, a maior parte da população assimilam o problema da violência e da corrupção no Brasil à baixa qualidade da educação.

## 2.2 PROERD em Minas Gerais

O Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd) teve início em Minas Gerais em 1998 e está presente em todas as regiões do Estado. Até o

momento, cerca de 600 policiais já foram capacitados para serem instrutores do programa e ministrá-los nas escolas, dentro da sala de aula. Semestralmente, cerca de 500 municípios são atendidos e, só neste primeiro semestre de 2019, 93 mil crianças de 9 a 12 anos concluíram sua participação no Proerd<sup>1</sup>.

A Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) iniciou suas ações no Proerd a partir da capacitação de 05 (cinco) policiais militares no Curso de Formação de Instrutores promovido pela Polícia Militar do Estado de São Paulo e concluído em 31 de outubro de 1997. Em 02 de janeiro de 1998 foi assinado um protocolo de intenções entre a Prefeitura Municipal de Uberlândia e a fração da PMMG naquela localidade para que o programa fosse desenvolvido em algumas escolas da rede pública municipal, em caráter experimental.

Posteriormente, com a formação de novos instrutores, o programa foi estendido para outras cidades de Minas Gerais como: Coronel Fabriciano, Diamantina, Divinópolis, Montes Claros e Varginha.

Após a deliberação do CNCG em 2001, a PMMG institucionalizou o programa por meio da Diretriz para a Produção de Serviços de Segurança Pública (DPSSP) nº 01/2002-CG, centralizando na Seção de Emprego Operacional do Estado-Maior (EMPM/3) as ações estratégicas do Proerd para o Estado de Minas Gerais. Em novembro de 2002, a Câmara Técnica dos Programas de Prevenção às Drogas e à Violência do CNCG potencializou a capacitação de uma equipe de 05 (cinco) Mentores Proerd (multiplicadores do programa) para viabilizar sua expansão em Minas Gerais.

De acordo com a Instrução nº 3001.7/04-CG (2003);

criou na estrutura do EMPM/3 o Núcleo de Prevenção Ativa para atuar: a de Polícia Comunitária, de Direitos Humanos e a de Prevenção ao Uso e Tráfico de Drogas, ficando a cargo da última a gestão das estratégias de expansão e fortalecimento do Proerd no Estado de Minas Gerais.

O PROERD é uma ferramenta utilizada no mundo inteiro no combate preventivo ao uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas. Atualmente, 58 países aplicam o programa utilizando material didático adaptado à realidade dos diferentes países.

---

<sup>1</sup> Disponível em <<https://policiamilitar.mg.gov.br/portal-pm/proerd/conteudo.action?conteudo=1561&tipoConteudo=itemMenu>>. Acesso 12/fev, 2020.

A história do PROERD no Brasil teve início em 1992, quando o programa chegou ao nosso país, no Rio de Janeiro.

Atualmente o PROERD é desenvolvido em todos os estados brasileiros e no Distrito Federal. O PROERD, em todos os currículos oferece uma variedade de atividades interativas e construtivas, que levam em consideração as experiências do cotidiano dos participantes e, sobretudo, exploram suas potencialidades. As aulas são bastante dinâmicas, com a participação de grupos e aprendizado cooperativo, por meio de dramatizações e estudos de casos.

É possível concluir que o programa tem como objetivo o desenvolvimento da auto-estima, controle das tensões, civilidade, além de ensinar técnicas de autocontrole e resistência às pressões dos companheiros e às formas de oferecimento de drogas por pessoas estranhas ao convívio das crianças e dos jovens. O policial militar que se candidata ao curso de formação de docentes PROERD tem de preencher uma série de requisitos e, além disso, passar por uma banca examinadora, composta por pedagogos, psicólogos e representantes do Programa que analisam se o candidato se encontra apto para se tornar instrutor.

Vale ressaltar que o policial militar instrutor não tem sua atuação restrita apenas à sala de aula presta também segurança na escola onde leciona durante o período de sua permanência. A atuação dos policiais do Programa representa uma modalidade de policiamento comunitário.

Os dados do PROERD nos mostra que chegou a um estágio em que o anseio da comunidade escolar é pela sua expansão. O Programa ultrapassa a marca de 1 milhão de alunos formados no Estado de Goiás. O objetivo da Coordenação do Programa no estado é atingir a totalidade das cidades goianas. ([www.pmmg.mg.gov.br/proerd](http://www.pmmg.mg.gov.br/proerd)).



Proerd (2004).

### **2.2.1 Como o Programa é Aplicado?**

O início do Programa na escola é precedido por uma reunião com pais e educadores, no sentido de divulgar o programa e orientar o engajamento e a participação de todos no processo.

O policial comparece à escola fardado, uma vez por semana, ao longo de quatro meses, acompanhado do professor da turma, para ministrar as aulas aos estudantes. As aulas a serem ministradas estarão organizadas no livro do estudante, em 11 (onze) lições de 45 minutos. Ao final das aulas é marcada então a data da formatura, momento em que as crianças receberão o certificado de conclusão do curso prestando o compromisso diante da Família e autoridades presentes, a resistir às drogas e à violência, celebrando-se assim, a parceria entre a Escola, a Polícia Militar e a Família. (PROERD, 2019).

O PROERD é desenvolvido nas escolas públicas e particulares, no 5º e 7º ano do Ensino Fundamental, na educação infantil (PROERD Kids) e para adultos. O programa é realizado, por policiais militares treinados e preparados para desenvolver o lúdico através de metodologia especialmente voltada para crianças, adolescentes e adultos. O objetivo é transmitir uma mensagem de valorização à vida, e da importância de manter-se longe das drogas e da violência. (PROERD, 2019).

No Proerd Pais são reforçados a importância da amizade e supervisão dos pais com os filhos. Após quatro meses de curso as crianças recebem o certificado PROERD, ocasião que prestam o compromisso de manterem-se afastados e longe das drogas e da violência. O PROERD Pais é composto de cinco encontros de aproximadamente duas horas.

O Programa é pedagogicamente estruturado em lições, ministradas obrigatoriamente por um policial militar fardado; que além da sua presença física em sala de aula como educador social, propicia um forte elo na comunidade escolar em que atua, fortalecendo o trinômio: Polícia Militar, Escola e Família. [...] oferece em linguagem acessível às faixas etárias que se direciona, uma variedade de atividades interativas com a participação de grupos em aprendizado cooperativo; atividades que foram projetadas para estimular os estudantes a resolverem os principais problemas na fase em que se encontram vivendo. (PROERD, 2019).

Diante deste contexto, podemos dizer que, o Programa não invalida qualquer outro Programa, Trabalho ou Atividade de prevenção, dirigido aos jovens como um todo. A cooperação da sociedade é fundamental, e a participação efetiva do empresariado constitui-se na sustentação econômica e financeira, da viabilidade e

continuidade do PROERD, visando atender parcela cada vez mais significativa das crianças e adolescentes, criando dessa forma uma rede protetiva crescente contra as drogas (lícitas e ilícitas), bem como, contra as atitudes que geram violência.

Em relação sobre o porquê um policial trabalhando tal assunto dentro das escolas e não um profissional da educação; percebemos que as professoras preferem que sejam os policiais, acreditam que eles têm mais “bagagem” sobre o assunto, que saberiam explicar melhor e tirar as dúvidas dos alunos. Acreditam que independentemente de ser pedagogo ou qualquer outro profissional da educação, eles tem mais “jeito” para “lidar” com o assunto, já que é algo rotineiro dos policiais. (PROERD, 2019).

### 2.2.2 Regulamentação normativa do D.A.R.E./Proerd

O *D.A.R.E. America*, organização não-governamental com sede nos Estados Unidos da América (EUA) é proprietária da marca D.A.R.E./Proerd e dos direitos autorais e intelectuais sobre os respectivos currículos educacionais. Militar de Minas Gerais foi diplomada como Centro de Treinamento Internacional do programa, programa educacional de resistência às drogas - proerd – é a versão brasileira do programa norte-americano drug abuse resistance education – d.a.r.e., surgido em 1983, em los angeles<sup>2</sup>.

Aprofundando mais sobre o *D.A.R.E.*, o texto da diretoria de Apoio operacional nos traz as seguintes considerações;

Tanto a lei norte-americana quanto o ordenamento jurídico brasileiro protegem esses direitos, definindo responsabilidade cível e penal para aqueles que fizerem uso da marca ou dos currículos D.A.R.E./Proerd sem expressa autorização do *D.A.R.E. America*. Todos os Policiais Proerd são integrantes de instituições policiais que assumiram uma responsabilidade compartilhada de proteger a marca e os currículos contra o uso não autorizado.

As agências policiais fora dos EUA relacionam-se com o D.A.R.E. por meio de uma divisão criada especialmente para gerir e controlar o desenvolvimento do programa em outros países, intitulada *D.A.R.E. International*.

O primeiro registro no Brasil foi feito em 1993, um ano após o início do programa, junto ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI)<sup>3</sup> órgão do Ministério da Economia. Por meio do Processo nº 821501631, deferido em dezembro de 2015, o INPI concedeu a prorrogação de registro da marca Proerd em favor do *D.A.R.E. America* e definiu a vigência até dezembro de 2022.

<sup>2</sup> Contextualização elaborada a partir de informações da Polícia Militar de Minas Gerais (Diretoria de Apoio Operacional / Coordenação Estadual do Proerd) e da página do *D.A.R.E. America* na internet ([www.dare.org](http://www.dare.org)).

<sup>3</sup> << <https://dare.org/d-a-r-e-officers/#policiesand-procedures> >>. Acesso em: 14/12/2019.

Além disso, por meio do Processo nº 821501623, foi concedida a autorização de cópia reprográfica simples dos produtos Proerd à Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ), extensiva a todas as demais polícias militares do Brasil em decorrência de deliberação do Conselho Nacional de Comandantes-Gerais das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares (CNCG).

Traduzido e adaptado a partir de informações do D.A.R.E. America. Disponível em: << <https://dare.org/d-a-r-e-officers/#policiesand-procedures> >>. Acesso em: 14/03/2019.

Desses atos, conclui-se que somente as Polícias Militares dos Estados e do Distrito Federal possuem autorização para desenvolver o programa, utilizar a marca e os currículos. Para conservar essa autorização, as instituições policiais devem observar fielmente as Políticas e Procedimentos do D.A.R.E., que formam o conjunto normativo obrigatório para desenvolvimento do programa.

Em Minas Gerais, as Políticas e Procedimentos do D.A.R.E. foram integralmente observadas desde a implantação do programa em 1998. Posteriormente, para conferir maior força normativa, essas Políticas e Procedimentos foram aprovados na forma de regulamento, constituindo a Diretriz para a Produção de Serviços de Segurança Pública (DPSSP) nº 3.01.04/2010.

### 2.2.3 Dados Gerais Do Proerd Em Minas Gerais – Dados de Atendimento

A manutenção do efetivo capacitado no Proerd depende de constantes investimentos em cursos de formação. No quadro 2, abaixo, temos a descrição atualizada do quantitativo de policiais capacitados em Minas Gerais.

Destaca-se, antecipadamente, que policiais dos três níveis descritos estão aptos a aplicar os currículos D.A.R.E./Proerd junto às escolas, entretanto, apenas os Mentores e Facilitadores compõem a Equipe de Treinamento habilitada a conduzir cursos de formação e atualização de Policiais Proerd.

QUADRO 2: efetivo Proerd por nível de qualificação no programa - atualizado em Março de 2019

POLICIAIS MILITARES	QUANTIDADE
Instrutores (executores)	546
Mentores (multiplicadores)	34
Facilitadores (coordenadores de curso)	7
<b>Total em Minas Gerais:</b>	<b>587</b>

FONTE: Polícia Militar de Minas Gerais / DAOp.

Os Policiais Proerd desenvolvem o programa em todas as regiões do Estado, atendendo e capacitando crianças, adolescentes e pais em inúmeros municípios e

escolas das redes públicas e privadas. Nos quadros 3 e 4, abaixo, temos a descrição do atendimento realizado a cada ano, desde a implantação do programa em Minas Gerais:

QUADRO 3: policiais, municípios e escolas envolvidas

REFERENTE AO ANO	QUANTIDADE		
	Policiais do Proerd	Municípios Atendidos	Escolas Atendidas
2018	594	394	2.650
2017	518	409	2.740
2016	566	399	2.840
2015	662	396	2.777
2014	703	276	1.907
2013	699	474	3.216
2012	655	483	3.281
2011	644	480	3.359
2010	667	543	3.736
2009	624	456	3.383
2008	558	394	3.476
2007	600	394	3.202
2006	480	390	2.815
2005	480	343	3.719
2004	269	267	1.502
2003	233	137	1.212
1998 a 2002	Prejudicado	Prejudicado	Prejudicado

FONTE: Polícia Militar de Minas Gerais / DAOp.

QUADRO 4: atendimento consolidado por currículo e total de pessoas

REFERENTE AO ANO	QUANTIDADE DE PESSOAS ATENDIDAS				
	Currículo Infantil	Currículo para 5ºAno	Currículo para 7ºAno	Currículo para Pais	Totais por Ano
2018	33.271	142.342	20.241	382	196.236
2017	37.860	128.439	21.267	781	188.347
2016	45.659	125.200	28.408	2.764	202.031
2015	26.223	129.473	37.598	5.309	198.603
2014	72.373	71.032	27.880	1.358	172.643
2013	36.268	150.369	49.365	1.578	237.580
2012	15.702	168.868	45.315	1.538	231.423
2011	15.886	204.338	26.931	2.274	249.429
2010	36.041	203.607	48.453	4.877	292.978
2009	-	186.214	136.667	6.918	329.799
2008	-	225.042	86.952	2.034	314.028
2007	-	180.740	71.682	-	252.422
2006	-	176.122	50.714	-	226.836
2005	-	215.569	-	-	215.569
2004	-	147.569	-	-	147.569
1998 a 2003	-	145.566	-	-	145.566
<b>TOTAL GERAL DE PESSOAS ATENDIDAS DE 1998 A 2018:</b>					<b>3.601.059</b>

FONTE: Polícia Militar de Minas Gerais / DAOp.

O desenvolvimento do Proerd depende de investimentos financeiros anuais para a constante capacitação dos policiais envolvidos, bem como para a aquisição dos materiais didáticos fornecidos às crianças, adolescentes e pais atendidos pelo programa.

A destinação permanente de recursos anuais pelo poder público poderia potencializar uma expansão significativa do programa, de forma a aumentar o atendimento gradativamente, até atingir a totalidade dos municípios e escolas mineiras. Sem uma legenda orçamentária própria, o Proerd tem sido mantido com investimentos pontuais, captados por sua Coordenação Estadual a cada exercício financeiro, conforme descrito no quadro 5, abaixo:

QUADRO 5: detalhamento de investimentos financeiros aplicados diretamente no Proerd

REFERENTE AO ANO	VALORES EM REAIS				Especificação dos investimentos aplicados a cada ano
	Recurso Federal	Recurso Estadual	Outros Recursos	Totais por Ano	
2018	0,00	605.469,75	0,00	605.469,75	- Recursos da PMMG (128.989,75) para vestimentas e bandeiras, execução parcial de TDCO SEE/MG (476.480,00), para dois cursos e materiais didáticos;
2017	0,00	405.500,00	15.000,00	420.500,00	- TAC do MPMG pagos pela Fundação de Ensino e Pesquisa de Uberaba (15 mil), execução parcial de TDCO SEE/MG (405.500,00), para dois cursos e materiais didáticos;
2016	0,00	487.077,53	112.000,00	599.077,53	- Recursos da PMMG (+ de 487 mil), emenda parlamentar Dep.Teteuzinho (50 mil), convênios AFAS (42 mil) e Arcelor Mital (20 mil), para dois cursos e materiais didáticos;
2015	0,00	150.000,00	360.000,00	510.000,00	- Recursos da SEE (150 mil) alocados em 20/11/2014 e recursos do Convênio nº 84.862/2014-FIEMG (360 mil), ambos para aquisição de materiais didáticos;
2014	0,00	150.000,00	0,00	150.000,00	- Recursos da PMMG descentralizado para aquisição de materiais didáticos;
2013	0,00	150.000,00	0,00	150.000,00	- Recursos da SEE para aquisição de materiais didáticos;
2012	0,00	0,00	0,00	0,00	- Houve utilização de saldo de recursos financeiros anteriores;
2011	0,00	450.000,00	0,00	450.000,00	- Recursos da SEDS (300 mil) para cursos e um seminário, concretizados somente em 2012, e recursos da PMMG (150 mil) para aquisição de materiais didáticos;
2010	0,00	0,00	0,00	0,00	- Houve utilização de saldo de recursos financeiros anteriores;
2009	0,00	580.000,00	0,00	580.000,00	- Recursos da SEDS para cursos e um seminário;
2008	0,00	975.000,00	0,00	975.000,00	- Recursos da SEDS, sendo 675 mil para seminário/cursos e 300 mil para aquisição de materiais didáticos;
2007	0,00	0,00	0,00	0,00	- Houve utilização de saldo de recursos financeiros anteriores;
2006	0,00	0,00	0,00	0,00	- Houve utilização de saldo de recursos financeiros anteriores;
2005	400.000,00	100.000,00	0,00	500.000,00	- Recursos alocados através do Convênio nº 031/05-SENASP/MJ;
2004	400.000,00	100.000,00	0,00	500.000,00	- Recursos alocados através do Convênio nº 140/04-SENASP/MJ;
2003	223.652,00	192.213,90	0,00	415.865,90	- Recursos alocados através do Convênio nº 043/03-SENASP/MJ.
2002	405.587,13	124.500,00	0,00	530.087,13	- Recursos alocados em 2002 através do Convênio nº 53/02-SENASP/MJ. Não há histórico de investimentos específicos nos anos anteriores.
<b>Total de investimentos de 1998 a 2018: R\$ 6.386.000,31</b>					
<b>Total de pessoas atendidas de 1998 a 2018: 3.601.059</b>					
<b>Custo médio por pessoa atendida: R\$ 1,77</b>					

FONTE: Polícia Militar de Minas Gerais / DAQp.

Os valores do quadro acima representam apenas os investimentos financeiros diretos, utilizados para a realização de cursos, conferências e confecção dos materiais didáticos (livros e certificados para as pessoas atendidas). Não foram considerados aqui os investimentos indiretos, como o custo de utilização das salas de aula das escolas envolvidas ou o valor das horas trabalhadas dos policiais militares e dos professores que acompanham as aulas nas respectivas turmas.



O programa (PROERD), desenvolvido pela Polícia Militar, PM nas escolas com alunos entre 12 e 15 anos de idade desenvolve nos jovens habilidades que lhes permitam driblar influências negativas nas drogas e no crime. Além disso, promove um bom relacionamento ente militares, jovens, comunidade escolar e família, possibilitando o acolhimento interativo, respeitoso de comunicação entre a polícia e os adolescentes.

Podemos dizer que o PROERD, nos traz avanços significantes para a escola;

Na educação o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Fala-se muito de ensino de qualidade. Muitas escolas e universidades são colocadas no pedestal, como modelos de qualidade. Na verdade, em geral, não temos ensino de qualidade. Temos alguns cursos, faculdades, universidades com áreas de relativa excelência. (PROERD, PMMG, 2019).

### 3 METODOLOGIA

O presente trabalho utilizou pesquisa exploratória, pois, visa proporcionar maior familiaridade com o fato ou fenômeno, a fim de torná-lo mais claro. Para tanto, realizou um levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas, estudo de caso, entre outras técnicas. - Abordagem qualitativa; - Método de Estudo de Caso (Yin); Análise documental; Análise e interpretação dos resultados.

- Fontes primárias (documentos e relatórios disponibilizados pela PM ou pelo PROERD) e fontes secundárias (reportagens ou artigos que referenciem o PROERD).

Quanto à abordagem definida, foi por meio qualitativa, sendo considerado que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Identifica e analisa dados não mensuráveis numericamente, como sentimentos, sensações, percepções, intenções. Utiliza recursos estatísticos, a fim de analisar resultados baseando-se no problema abordado. A pesquisa qualitativa, segundo Deslandes (1994, p. 22),

“trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, representações, valores e atitudes”.

Neste percurso, as fontes foram por meio de pesquisas bibliográficas, ou seja, baseou-se em estudos já feitos. Uma das metodologias de pesquisa já publicada em revistas, artigos, livros, analisando sobre o tema, e o que os teóricos dizem contextualizando com as idéias principais e a literatura.

Segundo Yin (2010, p.32): “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”

Contém um artigo que indica ações de prevenção, enfrentamento da violência nas escolas e o projeto tem por objetivo principal inibir o uso e o tráfico de drogas nas dependências escolares, bem como também em meio social. O artigo apresentou uma proposta de intervenção com adolescentes para prevenção da violência escolar desenvolvida por uma equipe de policiais militares.

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

As notícias recentemente veiculadas sobre agressões de alunos a professores em escolas têm uma forte vertente sensacionalista e um viés um tanto superficial, ouvindo basicamente a perspectiva dos adultos (mesmo assim, não a de todos os envolvidos na comunidade escolar) e realçando prioritariamente a violência dos alunos contra os professores.

Isso é um desserviço à educação porque cria estigmas, simplifica a questão e induz à busca de soluções igualmente simplistas e, por isso, ineficientes. Na verdade, alimenta o problema. A violência na escola é uma questão muito séria e complexa e merece um olhar cuidadoso e responsável.

Adultos e estudantes são agentes e vítimas dessas violências, preconceitos, discriminações, humilhações, desrespeito. Do ponto de vista dos alunos, uma das violências mais sentidas – e permanentes – é o não atendimento de suas necessidades de aprendizagem e a falta de sentido do que se ensina e do que se aprende, que acabam funcionando como formas de submissão. Outra é a invisibilidade dos alunos gerada pela falta de escuta, de espaços de participação e de reconhecimento de suas demandas.

As agressões interpessoais tem se tornado cada vez mais freqüentes nas escolas brasileiras e, além dos danos físicos, podem ter conseqüências negativas sobre os resultados escolares e sobre a formação social dos alunos.

Os indivíduos e as características que compõem o ambiente onde o jovem está inserido podem ter influência sobre o seu comportamento; logo, alunos em escolas com traços de violência podem também se tornar violentos.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo analisar alguns fatores do ambiente escolar que podem levar a ocorrência de um ato agressivo cometido por um aluno na escola. Para isso, foi estimado um modelo logit de efeito fixo, utilizando um painel de dados das escolas observadas na Prova Brasil, nos anos de 2007 e 2009.

Os resultados mostraram que a possibilidade de o diretor da escola registrar pelo menos um ato agressivo de um aluno é maior em ambientes escolares com traços da violência, onde ocorreram crimes contra o patrimônio, contra a pessoa,

tráfico de drogas ou atuação de gangues. Além disso, a possibilidade de se observar na escola pelo menos uma agressão física cometida por um aluno é 3,54 vezes maior em escolas em que foi observado o mesmo comportamento por parte de um professor. Algumas medidas de gestão escolar podem contribuir para facilitar a socialização dos alunos, como, por exemplo, distribuir as turmas por equivalência de nota ou promover atividades extracurriculares.

No Brasil ainda são poucos os trabalhos empíricos que tratam de indisciplina e violência escolar, o que dificulta a identificação de padrões por parte de gestores e tomadores de políticas públicas na hora de controlar tais ocorrências nas escolas.

A indisciplina é uma forma de violência muito comum em nossas escolas, por isso vem preocupando toda a sociedade e em especial os pais e os professores. Esta preocupação justifica-se pelo fato de que cada vez mais crianças e jovens são vítimas ou agentes dessa violência.

A violência aflige a todos, pais, filhos, professores e comunidade, e está, dentre nossos comportamentos aquele que mais nos rouba a condição humana; por isso se impõe como um grande desafio a exigir superação e, para tanto, a participação e contribuição de todos.

A história da educação do homem tem nos legado grande contribuição quanto à manifestação da indisciplina, que pode ter sua origem no desgaste das relações interpessoais, particularmente quando associada a situações de conflito em sala de aula. A indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional.

A indisciplina deve ser analisada levando em consideração todos os aspectos que influenciam o indivíduo: relações humanas com familiares e amigos, momento histórico do aluno, sua história de vida e a conduta apresentada durante as atividades em sala de aula e no contexto escolar.

É preciso levar em consideração “o modo como o aluno desempenha as atividades pedagógicas e a maneira como interage com as demais pessoas, objetos, patrimônio público, meio ambiente, etc

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema da violência escolar foi bem enriquecedor no que tange minha formação docente, visto que o aluno é o protagonista deste cenário entre o papel da família e de toda equipe gestora, pedagógica e administrativa.

Ao longo deste projeto, minhas conversas e pesquisas pelas escolas o qual passei, percebi que qualquer forma de violência escolar pode acontecer entre professores, alunos ou qualquer efetivo do quadro funcional da escola. Sem nenhuma pretensão de ocultar a parcialidade de culpa do docente, penso que quaisquer manifestação seja ela simbólica ou não acontece em sua maioria de aluno para aluno, o que não ausenta a figura do professor ou de qualquer indivíduo do contexto escolar.

A Violência escolar é um problema não só da escola e da família, mas também, do poder público que esbarra em medidas burocratizadas e abstém-se da legitimidade dos direitos dos professores. Com isso, o absentéismo torna-se consequência do professor mal remunerado, sem reconhecimento profissional, sem estímulos para o trabalho.

A expectativa de a escola ser uma agência privilegiada para o combate das violências e das culturas de violência viria, por outro lado, encontrando ressonância em experiências que destacam profissionais que combinam as funções formais de docentes com as de articuladores entre a escola e a família, ou na postura dialógica nas relações com os alunos. (ABRAMOVAY, 2003). in “Violências das Escolas,” lançado pela UNESCO para a Educação, a Cultura e a Ciência) referência no debate sobre o enfrentamento da Violência Escolar).

O convívio diário revelou o quão multifacetada a violência escolar se apresenta e os desafios no seu enfrentamento. Os resultados indicam que a violência externa à escola, seja comunitária ou familiar, também é percebida como um dos fatores que interfere na rotina escolar.

O uso de xingamentos e a presença de preconceito e agressões como recurso comunicativo entre os estudantes e professores pode ser percebido também como um uso instrumental da violência, quando o conflito não encontra outros canais de manifestação que poderiam ser propiciados pela instituição escolar

através de ações democráticas de participação dos adolescentes nas decisões que os afetam. Ou seja, o problema talvez não esteja na ausência de consenso e conseqüente ocorrência de conflito entre os atores da escola, mas sim nas formas que esse conflito consegue se manifestar desde que não há escuta democrática na escola: apenas através da violência física e psicológica

A idéia do tema do plano de ação se deu devido ao fator de um grande índice de alunos que se envolveram com drogas. Mediante a esse problema, percebo o quanto seria importante poder alertar esses jovens que estão inseridos no contexto de marginalização e violência, quanto aos riscos e conseqüências causados pelo consumo de drogas. Entendemos que o conhecimento acerca da prevenção é o melhor argumento no que diz respeito ao uso de drogas. São no entanto, fatores que se correlacionam a violência/drogas.

Outras variáveis que caracterizam a violência no ambiente escolar também apresentaram impacto significativo sobre a agressividade dos alunos. Entrar em contato com um meio onde prevalecem ações violentas tem influência direta sobre o comportamento do aluno dentro da escola.

Sendo assim, as políticas públicas para reduzir o crime na vizinhança da escola podem contribuir significativamente para reduzir a agressividade dos alunos. Algumas medidas de gestão escolar também podem contribuir para facilitar a socialização dos alunos, como, por exemplo, distribuir as turmas por equivalência de nota ou promover atividades extracurriculares.

Por fim, o foco fulcral nesse discurso analítico, considerou elementos norteadores que refletem uma educação cada vez mais desqualificada por inúmeros gargalos de enfrentamento no âmbito educacional. Todas as violências citadas aqui, direta ou indiretamente contribuem nos impactos negativos de uma educação qualitativa de mestria exuberante, em contra partida, ainda há de se acreditar pois é o que nos resta. Assim como eu, muitos autores acreditam na educação pública de resultados, operante e persistente nas condições que nos são postas.

Assumir-se como ser social e histórico, como pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva sim, mas acima de tudo amar e instrumentalizar a violência escolar em paz diária dentro das escolas.

Contribuindo positivamente para que o educando vá sendo o artífice de sua formação com a ajuda do educador (FREIRE,2006).

Quando se fala de educação pública no Brasil a primeira imagem que surge na mente é de um sistema educacional em degradação. Professores sem valorização, como conseqüência, sem dedicação. Alunos sem motivação. O ambiente escolar, antes considerado lugar protegido, hoje inspira insegurança entre alunos, professores e diretores, prejudicados com a violência praticada dentro ou no entorno das unidades.

A escola deve ser vista como extensão do lar. Com a missão de ensinar, formar, informar e construir uma sociedade mais solidária, justa e humana, ela é a esperança e certeza de dias melhores.

A escola é um espaço sagrado, onde as famílias vêm como um local onde seus filhos irão aprender, crescer, evoluir e adquirir capacidades para enfrentar a vida, entretanto, devido à perda dos valores necessários para a formação dos indivíduos, ela está reduzindo-se a apenas um local para demonstração da agressividade.

A resistência do professor é uma luta diária, é preciso compreender que a educação é uma forma do aluno, protagonista desse processo, intervir no mundo, nas ações e na paz dentro das escolas.

## REFERENCIAS

ABRAMOVAY, Miriam. **Violência nas escolas**: Versão resumida. Brasília: Unesco, Brasil, Rede Pitágoras, 2003

ASSIS Brasil, NEFFAR Jaqueline Azevedo Vieira. Prefeitura Municipal de Alegrete / RS, Universidade Federal de Santa Maria, UFSM.

BECKER, Kalinca Léia and KASSOUF; ANA Lúcia. Violência nas escolas públicas brasileiras: uma **análise da relação entre o comportamento agressivo dos alunos e o ambiente escolar**. *Nova econ.* [online]. 2016, vol.26, n.2, pp.653-677.

CARDOSO Luciana Roberta Donola; MALBERGIER, André. **Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes** – *Psicol. Esc. Educ.* vol 18 no.1 Maringá Jan/June 2014 .

FRANCISCO Carlos de, SILVA Vanessa Gonçalves. **Violência Escolar No Brasil: Desafios Em Curso Na Educação Do Século XXI** (2017) p.1845 – Mato Grosso.

FEEVALE, schilling, Flávia. **A Sociedade da Insegurança e a Violência nas escolas**. São Paulo, Moderna, Coleção cotidiano escolar. 2004

YIN, R. K. Estudo de caso: **planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

MEC, INEP, Instituto Anísio Teixeira. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/>>. Acesso 12/12/2019.

NEILANE Bertoni dos Reis, FRANCISCO Inácio Pinkusfeld Monteiro Bastos - **PESQUISAS SOBRE O CONSUMO DE DROGAS NO BRASIL**- Disponível em: <<http://aberta.senad.gov.br/>>. Acesso em 24/12/2019.

PROERD. Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência(notícias, livros e acadêmico) (*Abril de 2018*) Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Programa\\_Educacional\\_de\\_Resist%C3%Aancia\\_%C3%As\\_Drogas\\_e\\_%C3%A0\\_Viol%C3%Aancia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_Educacional_de_Resist%C3%Aancia_%C3%As_Drogas_e_%C3%A0_Viol%C3%Aancia)>. Acesso 10/02/2020.

PROERD, PMMG. Disponível em <<https://www.policiamilitar.mg.gov.br/portalpm/proerd/conteudo.action?conteudo=1561&tipoConteudo=itemMenu>>. Acesso 24/12/2019.

PALMA Priotto, Elis; WESSLER Boneti, Lindomar **Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola** *Revista Diálogo Educacional*, vol. 9, núm. 26, enero-abril, 2009, pp. 161-179 Pontifícia Universidade Católica do Paraná Paraná, Brasil.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Estrutura do projeto de pesquisa. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Universidade. P. 120-141(2013).

[https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-violencia-sala-aula-uma-analise-no-1-o-ano-ensino-fundamental.htm#indice\\_3](https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-violencia-sala-aula-uma-analise-no-1-o-ano-ensino-fundamental.htm#indice_3) Disponível em: <<<http://lattes.cnpq.br/4621976162671875>>>.

Violência nas escolas: Gráfico Agora São Paulo - 17.09 Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/violencia-nas-escolas-grafico/>>. Acesso 19/02/2019.